

Masculinidade personalista em “República dos assassinos”: o passado presente na era Bolsonaro

*Luciana Renata Santana Diniz^I
Hamilcar Silveira Dantas Junior^{II}*

Resumo: As declarações misóginas do Presidente Jair Bolsonaro são publicizadas desde sua época de deputado federal. Hoje na Presidência, entendemos que suas ações estão fincadas em raízes violentas, que reproduzem uma lógica de ódio, masculinista e miliciana, já representada no cinema nacional. O objetivo deste artigo é refletir as origens dessa ordem masculinista personalista brasileira traçando paralelos entre a obra fílmica “República dos Assassinos” do diretor Miguel Faria Júnior (1979), as personagens circulantes da trama com as personalidades que fazem parte do atual governo bolsonarista. Objetivamos desnudar essas relações masculinistas personalistas e defender a tese de que o filme reflete (sem anacronismos) dados da nossa realidade presente. Para tanto, usamos as reflexões de Jacques Aumont e Julie Marie em uma análise temática do filme, percebendo os ecos de suas personagens “fictícias” nas manifestações performáticas próprias da masculinidade bolsonarista.

Palavras chaves: Masculinidade. Bolsonarismo. Memória. História. Cinema.

Personalistic masculinity in "Republic of assassins": the past present in the era of Bolsonaro

Abstract: President Jair Bolsonaro's misogynistic statements have been publicized since his time as a federal deputy. Today in the presidency, we understand that his actions are grounded in violent roots, which reproduce a hateful, masculinist, and militia logic, already represented in national cinema. The purpose of this article is to reflect the origins of this masculinist personalist Brazilian order by drawing parallels between the film "Republic of Assassins" by director Miguel Faria Júnior (1979), the characters circulating in the plot with the personalities that are part of the current Bolsonaro government. We aim to denude these masculinist personalist relationships and defend the thesis that the film reflects (without anachronisms) data from our present reality. To do so, we use the reflections of Jacques Aumont and Julie Marie in a thematic analysis of the film, noticing the echoes of its "fictional" characters in the performative manifestations of the Bolsonaro masculinity.

Keywords: Masculinity. Bolsonaroism. Memory. History. Cinema.

Artigo recebido em 30/10/2021 e aprovado em 30/04/2022.

**MASCULINIDADE PERSONALISTA EM “REPÚBLICA DOS ASSASSINOS”: O PASSADO
PRESENTE NA ERA BOLSONARO**
LUCIANA DINIZ E HAMILCAR DANTAS JUNIOR

Introdução

Em 2003, nos corredores da Câmara dos Deputados, em uma discussão acalorada, o Deputado Jair Bolsonaro afirmou à Deputada Maria do Rosário de que não a estupraria “porque ela não merece”. Onze anos depois, o ainda deputado reiterou as ofensas em pleno púlpito do plenário da Câmara. Maria do Rosário, então Secretária de Direitos Humanos do Governo Dilma Rousseff, havia discursado contra a ditadura militar brasileira (1964-1985) denominando-a de “vergonha absoluta”. Bolsonaro tornou a proferir as ofensas à deputada nos seguintes termos: “Ela não merece [ser estuprada], porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria. Eu não sou estuprador, mas, se fosse, não iria estuprar, porque não merece”^{III}.

Pensando na condição de mulher é impossível digerir uma fala regada de tamanha violência, preconceito, objetificação da mulher e machismo. A infeliz narrativa de Jair Bolsonaro é construída em torno da intolerância, misoginia e discurso de ódio para com as minorias, revelando o quanto essa prática violenta é naturalizada na sociedade brasileira a ponto de, determinados elementos, sequer serem punidos por tais ações públicas.

Ainda em 2014, o parlamentar Bolsonaro foi condenado pelo Tribunal de Justiça do Distrito Federal e obrigado a indenizar a deputada com o valor de R\$ 10 mil, por danos morais^{IV}. Dinheiro que jamais apagará da memória de Rosário a falta de respeito e violência vivenciadas no ambiente onde se deveriam construir políticas públicas em defesa da população. Em seu discurso, Bolsonaro expressou de forma grotesca o que ele pensa sobre as mulheres em condições específicas. Em situações “normais” cotidianas ele seria respeitador, mas se insatisfeito, se revela um misógino cheio de ódio, preconceito e machismo. Como agravante, Bolsonaro enaltece as ações da ditadura, inclusive o estupro, para contenção de algo que perturbe a harmonia e segurança nacional. Nesse contexto, o agressivo, o violento, o estuprador pode ser justificável.

E é neste contexto de insegurança, desrespeito e discurso misógino em relação às minorias que o cenário político, social e histórico tem sido marcado e contextualizado por um horizonte de desesperança e instabilidade. Uma onda de futuro sem expectativas utópicas em todo o mundo tem gerado uma espécie de pânico social, ideológico e existencial. Especialmente no Brasil, um sentimento coletivo se consolida cada vez mais de que o presente político e social estagnou e que o acerto de contas com o passado histórico para que avancemos a um futuro, está cada vez mais distante e em constante negação.

Com um passado histórico que ecoa exploração, escravidão e abusos estruturados que não passam, as ações políticas e muitos atores sociais regurgitam e reproduzem discursos históricos que não foram efetivamente solucionados durante a história do Brasil, e que reverberam sem constrangimentos em narrativas de representantes políticos da sociedade “moderna”, cada vez mais distópica.

São pensamentos bárbaros que refletem a falta de humanidade para com as mulheres, a população preta, os povos indígenas, a comunidade LGBTQIA+ por uma disputa de poder político e a luta pelo esquecimento de memórias sociais que revelam atrocidades do passado. Como por exemplo, tentativas de apagamento dos relatos de pessoas que foram duramente torturadas e mortas no período da Ditadura Militar. São atos cada vez mais institucionalizados, com interesse de fazer desaparecer no tempo as

MASCULINIDADE PERSONALISTA EM “REPÚBLICA DOS ASSASSINOS”: O PASSADO PRESENTE NA ERA BOLSONARO

LUCIANA DINIZ E HAMILCAR DANTAS JUNIOR

histórias de abusos e mortes, a fim de retomar um sistema político desumano, violento, autoritário e opressor.

Em pleno século XXI, quem ainda tenta reavivar a memória social deste grupo violentado é duramente hostilizado, a exemplo do caso que envolveu os parlamentares Maria do Rosário e Jair Bolsonaro, hoje Presidente da República.

Ao longo destes quase três anos de governo Bolsonaro, o Presidente da República só recrudescer suas falas e posturas misóginas e de uma masculinidade personalista que transpõe a mera retórica discursiva. Para Bruno Paes Manso, Bolsonaro solidificou o imaginário de uma “república das milícias” baseada nessa ação masculinizada, opressora e criminosa que naturalizou as incursões violentas nas favelas, relativizou a violência doméstica e as ações de assédio e importunação sexual^V.

Diante do exposto, entendemos que as raízes das ações misóginas do governo Bolsonaro estão fincadas em raízes violentas, as quais já foram representadas no cinema nacional. Nesse sentido, buscamos refletir as origens dessa ordem masculinista personalista brasileira traçando paralelos entre a obra fílmica “República dos Assassinos” do diretor Miguel Faria Júnior, as personagens circulantes da trama com as personalidades que fazem parte do atual governo bolsonarista. O longa foi produzido no final da década de 1970, na época do Regime Militar e inspirado no romance homônimo do jornalista Aguinaldo Silva, que narra a jornada do protagonista, o policial torturador Mateus Romeiro, interpretado pelo ator global Tarcísio Meira.

Objetivamos desnudar essas relações masculinistas personalistas e defender a tese de que o filme reflete (sem anacronismos) dados da nossa realidade presente. Para tanto, usaremos as reflexões de Jacques Aumont e Julie Marie para implementarmos uma análise temática no filme, percebendo os ecos de suas personagens “fictícias” nas manifestações performáticas próprias da masculinidade bolsonarista^{VI}.

“República dos assassinos”: sinais da masculinidade personalista brasileira

Mateus Romeiro fazia parte do grupo “Homens de Aço” e liderou a onda de violência e integrou o Esquadrão da Morte no país durante a ditadura militar aterrorizando e humilhando os que não concordavam com o sistema ditatorial, ou simplesmente, não serviam mais para as atividades corruptas e de interesse pessoal dos atores políticos da época.

A maldade e a violência desenfreadas pelo Estado ditatorial são evidenciadas durante o filme. Romeiro é apenas uma personalidade de todo um sistema, que faz uso da sua autoridade policial e forma bruta para oprimir e desmoralizar os que não detêm “poder”, representatividade política partidária: os marginalizados socialmente!

As vidas pública e pessoal do policial são marcadas constantemente por sua brutalidade e relação abusiva com agressões físicas e psicológicas para com a sua parceira, a atriz Marlene, interpretada por Sandra Bréa. A hipocrisia e o falso moralismo permeiam a todo instante a personalidade masculina de Mateus que, de forma agressiva e violenta, elimina pessoas que representam empecilhos para suas ambições e desejos sexuais.

Mateus Romeiro é um exemplo de extrema agressividade masculina que compunha o Regime Militar e que muito se assemelha com as falas e posturas do atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, com discursos de ataques e ódio aos que não concordam com as ações abusivas e retrógradas do seu governo. Expressa sua represália e misoginia às mulheres que, por anos, buscam resolver questões do passado, como por exemplo, a escravidão, que ainda paira como um ressentimento histórico mal resolvido,

MASCULINIDADE PERSONALISTA EM “REPÚBLICA DOS ASSASSINOS”: O PASSADO PRESENTE NA ERA BOLSONARO

LUCIANA DINIZ E HAMILCAR DANTAS JUNIOR

resultando em um racismo estrutural e ondas de violência recorrentes, principalmente sobre as mulheres pretas.

Edson Teles desvela a estatística cruel de que um jovem negro tem 147% mais probabilidade de sofrer homicídios que o branco no país. De igual modo, 3 mulheres são assassinadas por dia no simpático país tropical, sendo a maioria negra. “Segundo pesquisa da Flacso, entre 2003 e 2013 a morte violenta de mulheres negras aumentou 54%, enquanto a de mulheres brancas diminuiu 9,8%”^{VII}.

As pesquisas citadas são um indicativo de como o discurso de ódio tem potencializado a violência, atingindo especialmente, as classes menos favorecidas.

Um estado violento tem se estabelecido em nome de uma pseudosegurança pública. O mesmo perfil comportamental másculo e violento dos “homens de aço”, atua hoje com o objetivo de manter o controle das práticas sociais e estabelecer a sensação de que desta forma, os “cidadãos de bem” manterão a perfeita ordem da pátria.

Há décadas a gestão da segurança pública aposta na militarização da vida e na estratégia da guerra. O resultado tem sido o aumento da violência e a criação de territórios nos quais o Estado aterroriza suas populações. É o caso, por exemplo, das favelas, das periferias pobres, das ocupações de movimentos de luta por moradia, dos presídios. Nesses espaços, o Estado age com desmesura. Sob justificativa de restabelecer a ordem, acionam-se medidas de exceção a partir de mecanismos jurídicos^{VIII}.

A personalidade macho-personalista de Mateus Romeiro, protagonista do filme, se assemelha à personalidade de muitos que abraçam o discurso do Presidente Bolsonaro. Tal vínculo se estabelece pela lógica da performatividade, aquilo que é validado mais pela força física, sexual e a violência, do que por exemplo, pela dignidade da palavra e empatia para com o outro. Nesta relação não basta ser “macho” (homem, branco, heterossexual e cristão) é preciso performar como “macho”, é preciso se fazer ver, respeitar e temer na cena pública.

A personagem Romeiro, aparentemente apagada após a ditadura, ressurgiu com força nestas primeiras décadas do século XXI a ponto de 57 milhões de brasileiros elegerem à Presidência alguém sem quaisquer propostas para o país, sem qualquer experiência ou serviço público prestado, apenas pelo discurso de ódio e “combate à corrupção” e à “velha política”. Um caso anômalo de um eterno insider da política do “baixo clero” parlamentar que se proclama outsider! É factível compreender, conforme aponta Márcia Tiburi, que essa personagem social machista e fascista sempre esteve presente, porém adormecida. O ressentimento e fracasso de sujeitos medíocres que enxergam nos avanços sociais de mulheres, pretos e gays, a culpa de suas frustrações gerou um turbo e tecno avanço de discursos misóginos, homofóbicos e racistas eivados de violência^{IX}.

Cenas de uma estético-política da brutalidade são decisivas na capitalização de Bolsonaro e de políticos assemelhados. A froça bruta e o tom repugnante se tornaram elementos fundamentais do seu figurino. O uso do discurso grotesco, infame e ridículo é uma constante das redes sociais de Bolsonaro e de todos os políticos que seguem a mesma linha de capitalização política. Nesse jogo de publicidade da violência, de uma violência decorativa, mas também ostentatória, a extrema direita usa também a sexualidade. [...] homofobia e misoginia são preconceitos transformados em valores, em um clima populista que é promovido por uma estética do macho agressivo limítrofe. [...] a ideia é usar a barbárie e a brutalidade de homens apresentados como “machos” como tecnologia política^X.

**MASCULINIDADE PERSONALISTA EM “REPÚBLICA DOS ASSASSINOS”: O PASSADO
PRESENTE NA ERA BOLSONARO**
LUCIANA DINIZ E HAMILCAR DANTAS JUNIOR

Tal performance máscula, de Romeiro e de Bolsonaro, é dirigida à cena pública para garantir adesão, medo e respeito. O conceito dessa figura circunda permanentemente a esfera social e política, que nos traz inúmeros questionamentos em relação à natureza da masculinidade. Em que ela consiste e está associada?

Em entrevista à Revista Veja, no ano de 2017, Bolsonaro foi questionado sobre seu pronunciamento no ano de 2003, a respeito de como reagiria se tivesse um filho gay. “Seria incapaz de amar um filho homossexual. Não vou dar uma de hipócrita aqui: prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter morrido mesmo”^{XI}.

Esse discurso de Bolsonaro demonstra a gravidade do reforço à naturalização do discurso de ódio às minorias. Neste caso hipotético, se o filho aparecer com um “bigodudo”, contrariando a performance do másculo, estabelecido pela sociedade patriarcal, Jair prefere que ele morra em um acidente.

O discurso de intolerância, que sempre existiu na sociedade patriarcal, é reforçado por meio de citações desajustadas que de forma inconsciente ou não, robustece a ideia misógina e de opressão do forte sobre o fraco.

De acordo com Huggins, Haritos-Fatouros e Zimbardo^{XII} parte dos estudos das ciências sociais demonstram a complexidade no estudo da masculinidade nas culturas ocidental e não-ocidental. Essa diferença é construída culturalmente em cada sociedade do patriarcado. A determinação de gêneros está arraigada nas hierarquias de poder com a dominação que pode promovê-la. Incentivando desta forma, o comportamento opressor social do forte sobre o fraco.

Hierarquização desse tipo resultam em disparidades de poder e de alocação de recursos que contribuem para a discriminação e a estereotipação dos fracos pelos fortes. Por sua vez, essas desigualdades são legitimadas por ideologias sociopolíticas que justificam e normalizam as estruturas de dominação baseadas em gêneros, raça, etnia e riqueza. Essa elaboração de retórica ideológica, que promove e dá sustentação às hierarquizações de dominação social influencia tanto o pensamento individual quanto as estruturas sociopolíticas^{XIII}.

A dominação social através da força é uma característica das sociedades patriarcais, nas quais a masculinidade é determinante para legitimar a superioridade sobre os mais frágeis socialmente. Esse padrão de comportamento se fortalece nas sociedades, desde a memória individual, social e, especialmente de forma institucionalizada, na memória nacional.

Mateus Romeiro e Jair Bolsonaro são dois exemplos que representam os operários da violência na história do país. Ambos perfis comportamentais e mentais reforçam a hierarquia de dominação através da virilidade, força e discurso de ódio que é validada inclusive, na interação interpessoal. Cria-se a expectativa de que os “bem-sucedidos” da masculinidade tenham características patriarcais, de um sistema de dominação abrangente masculina, os “homens de verdade”.

Homens de verdade, segundo a expectativa do patriarcado ocidental, devem ser capazes de dominar alguns homens e todas as mulheres. Teste perfeito da dominação masculina são os confrontos que implicam perigo – seja físico, social ou intelectual.

Tomemos, do filme, o exemplo de Eloína, interpretada por Anselmo Vasconcelos, uma travesti que vive às margens, com saudades do seu parceiro

MASCULINIDADE PERSONALISTA EM “REPÚBLICA DOS ASSASSINOS”: O PASSADO PRESENTE NA ERA BOLSONARO

LUCIANA DINIZ E HAMILCAR DANTAS JUNIOR

Carlinhos, que foi executado por Romeiro, o “cidadão de bem” que, em nome da “segurança nacional”, naturalizava cada vez mais a violência do masculino, estabelecendo padrões na prática social. Eloína representava para o Estado a falta de paz, a desordem, a depravação sexual. Mas em seu silêncio subversivo, guardava as atrocidades de uma relação mantida às escondidas no passado com o próprio Romeiro. O másculo que precisava demonstrar força sobre todos, homens e mulheres.

Os recortes de jornais colados em um caderno, documentam o que a censura e o medo da morte não podiam expressar. Por anos, Eloína calou-se, assim como tantas pessoas que sofreram abusos físicos, psicológicos, por não se enquadrarem à ordem do patriarcado moralista e militarista.

A expectativa com a onda de pânico da época, era paralisar e controlar através do medo. E assim, tolher cada vez mais o poder reflexivo e de transformação social de cada indivíduo em sua esfera. O silêncio de Eloína, e espectadora do sistema, é o maior exemplo da repressão pelo silenciar da verdade. “Há nesse processo a eficaz estruturação de uma sociedade de controle, disciplinamento e punição, cujo cidadão, domesticado e submisso, deve se tornar ainda mais produtivo e ser anulado enquanto potência transformadora”^{XIV}.

Violenta masculinidade: os elos entre a “República dos Assassinos” e a era Bolsonaro

O perfil comportamental do policial Mateus se destaca ao exercer seu poder de masculinidade abusiva e ter prazer em violentar e matar os que compunham a frágil estrutura da sociedade. Uma das cenas mais marcantes da trama, que expressa tamanha brutalidade é a execução de Carlinhos, o parceiro de Eloína, que fazia parte do esquema de corrupção do próprio Estado, comandado por Romeiro.

Carlinhos, interpretado por Tônico Pereira, era uma figura marginalizada que buscava formas de sobrevivência junto à sua parceira Eloína, que o alertou inúmeras vezes sobre o perigo de fazer parte do esquema que envolvia Mateus e os “Homens de Aço”, um dos grupos de extermínio extraoficiais do regime. Ela conhecia a frieza da masculinidade e a brutalidade que estruturava o sistema ditatorial, assim como a personalidade violenta de Romeiro desde o passado que tiveram juntos.

O descarte do desfavorecido Carlinhos não demorou muito! Na cena da execução, em uma construção inacabada, situada em uma região mais afastada da cidade, fica evidente o prazer de Romeiro em matar. De igual modo, o plano da imagem em um ângulo plongée alude a uma dimensão superior (Deus?) que tudo vê, mas não interfere. Os homens de aço são os todo-poderosos! Romeiro dispensa o seu capanga e pede para ficar a sós com Carlinhos que suplica para viver, mas a resposta de Mateus é repugnante: “Você sabe que me dá tesão ver você assim se cagando de medo na minha frente? Vou fazer um bem pra você”. Em seguida, de forma asquerosa e monstruosa, masturba-se e ejacula diante do desespero pós-execução de Carlinhos.

Percebemos nesta cena, um forte esquema de operários da violência com atores distintos. O Sistema Ditatorial alimentava a violência e as torturas para fortalecer sua ideologia política e os homens de aço que atuavam na linha de frente de várias formas para eliminar os que o sistema considerava delinquentes, bandidos das classes populares e/ou marginalizados: “afirmam que onde há uma afronta perceptível a integridade pessoal de um homem, orgulho ou domínio do ambiente social, a violência pode resultar de uma justa fúria”^{XV}.

MASCULINIDADE PERSONALISTA EM “REPÚBLICA DOS ASSASSINOS”: O PASSADO PRESENTE NA ERA BOLSONARO

LUCIANA DINIZ E HAMILCAR DANTAS JUNIOR

Compreendendo a masculinidade como um comportamento institucionalizado através do patriarcado nas sociedades, podemos ampliar tal discussão a partir da pesquisa realizada por Huggins, Fatouros-Hatouri e Zimbardo, na qual são demarcados perfis dos perpetradores da violência, que não atuam em apenas um tipo de masculinidade.

A primeira é a masculinidade policial personalista, que aborda as atrocidades policiais da Ditadura. Em entrevistas, os policiais com este perfil defendem o argumento que usam da brutalidade e violência, como ferramenta para proteger a sociedade dos criminosos.

Quando o operário da violência personalista fala a respeito da violência cometida por ele ou por colegas policiais, em geral, atribui a responsabilidade aos indivíduos “maus” (quer vítimas, quer perpetradores) ou ainda difundem as causas da violência por entre vagos fenômenos sociais e culturais, em vez de atribuí-las de maneira consistente a condição ou pressão organizacional^{XVI}.

Neste perfil policial há uma negação de que quanto mais a violência for institucionalizada, mais violenta a sociedade se tornará. A história da violência no Regime Militar gerou uma fratura social em nome da segurança nacional. Sendo que a calcificação social deve acontecer com o restabelecimento de projetos que visem integrar o ser humano, para que as futuras gerações não passem pelas atrocidades que muitos passaram há 50 anos, em nome da falsa sensação de segurança nacional e de combate ao inimigo interno, os subversivos.

Mas infelizmente, a realidade atual, tem evidenciado a retomada do terror destes perfis personalistas, que pairam e reverberam em nossa política, reforçando a presença de um inimigo imaginário que ameaça a ordem e a paz nacional. Toda a disseminação deste sentimento tem como foco paralisar e ter o controle social.

Nossa hipótese é a de certos regimes de produção de subjetividade binárias e antagônicas, aliados às condições históricas de dominação implicam no fortalecimento e incremento de estratégias e tecnologias de controle social. Diante de uma sociedade racista, patriarcal e etnocida, estruturada para favorecer os proprietários e as velhas e novas oligarquias, experimentam-se modos de anular ou destruir qualquer prática de resistência^{XVII}.

Toda a construção da narrativa política do atual presidente da República, Jair Bolsonaro, foi estruturada com argumentos de que seu governo iria eliminar, de todas as formas, os que causassem transtornos à “paz nacional”. Com discurso de ódio, defende instituições convencionais da sociedade, excluindo as minorias representadas por diferentes raças, etnias e gêneros.

Em 2018, em plena sessão na Câmara dos Deputados, Bolsonaro apoiou um grupo de extermínio que eliminava jovens de periferia na Bahia por cinquenta reais:

Quero dizer aos companheiros da Bahia — há pouco ouvi um parlamentar criticar os grupos de extermínio — que enquanto o Estado não tiver coragem de adotar a pena de morte, o crime de extermínio, no meu entender, será muito bem-vindo. Se não houver espaço para ele na Bahia, pode ir para o Rio de Janeiro. Se depender de mim, terão todo o meu apoio, porque no meu estado só as pessoas inocentes são dizimadas. Na Bahia, pelas informações que tenho — lógico que são grupos ilegais —, a marginalidade tem decrescido. Meus parabéns^{XVIII}!

**MASCULINIDADE PERSONALISTA EM “REPÚBLICA DOS ASSASSINOS”: O PASSADO
PRESENTE NA ERA BOLSONARO**
LUCIANA DINIZ E HAMILCAR DANTAS JUNIOR

Em nome da paz nacional, a violência é justificada! O grupo de extermínio não é apenas naturalizado pelo até então parlamentar, mas apoiado e convidado a se mudar para o Rio de Janeiro, caso não desse certo na Bahia.

A fala de Bolsonaro revela dois aspectos importantes a serem observados. O primeiro, a promoção da violência para exibir e reforçar sua masculinidade e seu poder sobre o menos favorecido. O segundo aspecto, a promoção da violência em prol da segurança nacional. Não importa se houver chacina na favela, o que não pode, é ter perturbação de “delinquentes” na sociedade. A paz social precisa ser preservada nem que para isso necessite fazer uso da violência para eliminar os “vândalos”.

O desenrolar do quadro político bolsonarista tem trazido à tona uma enxurrada de atos corruptos, a começar com a produção e disseminação de Fake News para fragilizar a oposição e grupos sociais para sua candidatura, e assim, justificar seus atos incoerentes, irracionais e violentos, devido ao caos deixado e gerado pelos nominados por ele mesmo como “comunistas”.

Tal movimento se assemelha ao Estado Militar truculento representado em “República dos Assassinos”, no qual o policial Mateus era envolvido em causas ilegais e corruptas para produzir o caos social e justificar, desta forma, a necessidade da militarização e utilização de estratégia de guerra nas torturas e mortes.

É interessante perceber o movimento cíclico político. O fortalecimento dos militares através da eleição de Jair Bolsonaro tem reacendido a militarização, a misoginia e os discursos de ódio. Ao mesmo tempo que o movimento militar persiste em promover o caos e tentar resolver o mesmo caos gerado, com intuito de justificar suas atrocidades e eliminar os “subversivos”, as vozes das memórias subterrâneas sobrevivem e se movimentam, ainda que de maneira tímida, esperando o momento certo de se manifestar e provar a brutalidade e o gigante acerto de contas de tantas vidas que foram torturadas, executadas e humilhadas por não concordarem com o Sistema Político Ditatorial.

Essa tensão reflete o campo aberto de contendas entre história e memória, entre esquecimentos e silenciamentos frente à luta por manterem-se vivos fisicamente e a memória dos que violentamente partiram.

O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir o esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos sociais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amigos, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas^{XIX}.

A memória das violências vivenciada por Eloína nunca poderá ser apagada. Por anos, ela se recusou a falar sobre o assunto. Uma espécie de trauma interrompeu a sua história e o medo a fez silenciar. Segundo Michael Pollak, “podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação”^{XX}.

O registro do trauma estava posto em sua memória individual, e na tentativa de não deixá-la falhar, ou até mesmo ser uma prova para a posteridade, um simples caderno com recortes de jornais impressos relatava os eventos tristes e as personalidades violentas que passaram por sua vida. Uma espécie de memorial para que, ao ser

**MASCULINIDADE PERSONALISTA EM “REPÚBLICA DOS ASSASSINOS”: O PASSADO
PRESENTE NA ERA BOLSONARO**

LUCIANA DINIZ E HAMILCAR DANTAS JUNIOR

contemplado, Eloína tivesse a certeza de que a paz social pregada pela mídia e pelo Estado, não condiziam com a sua realidade de vida e de tantos outros que não eram considerados “cidadãos de bem”.

No desenrolar da obra fílmica, as ações dos Homens de Aço convergem ao extermínio de “delinquentes e bandidos”. Tornou-se emblemático então, a cena de execução de Silverinha. O discurso do grupo de Matheus Romeiro e dos jornalistas traduz Silverinha como um marginal e assassino, o que contrasta com a imagens reveladas no filme: um pai de família, com filho recém nascido, habitante de uma casa humilde mas que, para o Sistema, também era subversivo. Este assassinato chama a atenção, pela conduta e ligação dos proprietários dos veículos de comunicação que produziam notícias “encomendadas” pelo próprio Estado.

Na cena da execução de Silverinha, os Homens de Aço são recepcionados pela esposa na porta da simples casa de sítio. Ela entra no recinto e volta correndo com seu filho nos braços, na tentativa de livrar a família da violência a seguir. Silverinha aparece na sequência e é alvejado de forma selvagem, sem chance de defesa.

No dia seguinte, a matéria de capa do principal jornal impresso de grande circulação da cidade do Rio de Janeiro, era a morte de Silverinha. Tal manchete relatava o terrível duelo entre os elvagem Silverinha e os “guardiões” da nossa segurança, os “Homens de aço”. Nesta cena, é interessante identificar a segunda masculinidade: a dos funcionários institucionais. O proprietário do veículo de comunicação não estava ligado ao assassinato literal de Silverinha, mas usava sua influência burocrática para maquiar a realidade e manter o controle social do Estado sobre o povo. O empresário do veículo se enquadra no perfil de um funcionário institucional. Tal perfil faz parte da relação do sistema mais amplo e de sua teia de relação, disseminando as inverdades do Estado através da imprensa para retroalimentar o Sistema Ditatorial: “esses homens apresentam sua masculinidade como extensão das necessidades e das prerrogativas da organização de segurança interna e como subordinada a elas, podemos chamar de funcionários institucionais”^{XXI}.

A relação entre os empresários da mídia, o Estado e os Homens de Aço revelam a promiscuidade das relações institucionais que definem quem são os “indesejados sociais”. Tais relações estão cada vez mais evidentes hoje nos programas de certa “midiatização penal espetacularizada”, geralmente comandadas por homens histriônicos e autodeclarados heterossexuais, que enchem as tardes da semana com perseguições policiais às comunidades mais afetadas pela desigualdade social. Em tais programas, herdeiros dessa mídia de “República dos assassinos”, jamais se problematizam os problemas sociais que geram a criminalidade. O discurso é personalista, como se a criminalidade estivesse ligada apenas à má índole individual. Revela-se, por conseguinte, o quanto essa “república de assassinos” dos esquadrões da morte ainda atua como uma “república de milícias” na atualidade. Tal ausência de problematização não percebe que,

o crime seria um caminho possível nessas cidades entre homens que buscavam honra e respeito de seus pares, numa sociedade que valorizava dinheiro, consumo e valentia. Ser um criminoso, um bicho solto, não abaixar a cabeça para o sistema, mesmo que para isso fosse preciso lançar mão da violência, tornou-se uma opção de identidade para as novas masculinidades urbanas. Uma polícia violenta e disposta a ir à guerra para defender a “parte civilizada”, os mais ricos e brancos, dessas ideias ameaçadoras, seria o contraponto identitário para a formação dos conflitos, estabelecendo no

MASCULINIDADE PERSONALISTA EM “REPÚBLICA DOS ASSASSINOS”: O PASSADO PRESENTE NA ERA BOLSONARO

LUCIANA DINIZ E HAMILCAR DANTAS JUNIOR

imaginário da cidade o desenho da disputa entre mocinhos e bandidos. A tal modernidade urbana, em vez de incorporar a tradição rural para oferecer uma nova proposta de sociedade, parecia renegar o passado, que deveria ser exterminado porque representava o atraso. Esse mal-estar produziu um caldeirão de emoções explosivas: medo, ressentimento, raiva, num processo que definiria a atuação violenta da polícia e dos grupos criminosos nos anos que viriam, retroalimentando um ciclo de tragédias cotidianas, retratadas nos jornais, nos rádios, nas conversas de bares, nos almoços familiares. O bode expiatório, que criava essa sensação de vulnerabilidade, era o bandido, palavra que cunhou uma marca forte, capaz de estigmatizar os jovens negros, moradores das favelas, que se tornariam os maiores alvos dessa guerra^{xxii}.

Silveirinha era mais um bode expiatório! Resultado do que muitos policiais da época, que atuavam no Esquadrão da Morte, oscilavam entre a masculinidade personalista e funcionários institucionais. Essa variação no perfil comportamental do indivíduo é caracterizado como masculinidade mista:

A característica estrutural central do policial de masculinidade mista é a facilidade com que se desloca entre os sistemas de controle social formal e informal. Em seu discurso de masculinidade mista, esses entrevistados deslocaram-se com facilidade entre as justificativas de funcionário institucional e personalistas para a violência^{xxiii}.

O controle social através da masculinidade personalista e da propagação do medo

Interessante perceber que semelhantes estratégias de controle social e pânico militar como a tentativa de censura, propagação de fake news, foram e continuam sendo utilizadas no governo de Bolsonaro. Segundo o antropólogo Piero Leimer, da Universidade Federal de São Carlos, especialista em estratégia militar, o bolsonarismo atua com a estratégia denominada “dissonância cognitiva”.

O presidente eleito aparenta simultaneamente opiniões contraditórias entre si para em um segundo momento Bolsonaro aparecer com um discurso de restauração e ordem. [...] Trata-se de uma estratégia de clássica de operações psicológicas militares, para dissuadir o inimigo, cujo o padrão é sempre aparecer com uma ordem semanticamente paralela à desordem anterior^{xxiv}.

É importante destacar que os “inimigos” que promovem a desordem, sempre serão predominantemente pessoas de esquerda, as chamadas minorias sociais como indígenas, negros, gays, feministas. Bolsonaro foi eleito com o discurso central de que aboliria qualquer “inimigo” que fragilizasse a instituição familiar e com este argumento, uniu-se à bancada evangélica^{xxv}. Em paralelo ao filme de Miguel Faria Júnior, ressaltamos aqui, a cena em que a ex-mulher de Romeiro, Marlene Santos das Graças, aparece em um culto evangélico testemunhando sobre a nova vida que encontrou em Deus. A nave da igreja está decorada com adereços em verde e amarelo, cores militares, e a membresia canta em coro: “Glória, Glória, Aleluia, louvemos ao Senhor”.

Marlene tornou-se pregadora de uma seita e diz que se relacionou com um homem que tinha ódio no coração. Alega ter vivenciado uma “história pesada”, mas estava arrependida. A narrativa fílmica neste momento faz uma discreta menção sobre ligação das igrejas neopetencostais à política conservadora e militar da décadas de 1970. A discreta menção do filme em 1979 não tinha como perceber o organizado estado de fisiologismo dessas correntes evangélicas a partir dos anos 1980. A Frente Parlamentar Evangélica organizou-se como bancada em 1986 e já participou ativamente dos

MASCULINIDADE PERSONALISTA EM “REPÚBLICA DOS ASSASSINOS”: O PASSADO PRESENTE NA ERA BOLSONARO

LUCIANA DINIZ E HAMILCAR DANTAS JUNIOR

processos de trocas e compras de votos na Constituinte de 1988, como amplamente divulgado, inclusive por outras correntes pentecostais não-alinhadas a essas práticas^{XXVI}. Contudo, nada se compara ao aumento da onda conservadora que elegeu parlamentares para as legislaturas de 2015 e de 2019. Militares, ruralistas e neopentecostais foram eleitos em número jamais visto antes e desenterraram projetos arquivados que buscam retirar direitos sociais garantidos por minorias, tais como: a proibição do aborto em casos de estupro, risco de morte da mãe ou anencefalia; proibição do uso do nome social por travestis e transsexuais; retorno à catalogação da homossexualidade como “transtorno/doença psicológica”; proibição de união civil entre casais de mesmo sexo; além da adoção de crianças por casais homoafetivos^{XXVII}.

É necessário frisar e fazer este paralelo com o atual cenário político, e pontuar mais uma vez como a história social e política do Brasil é cíclica e presa ao passado, quando não há o devido ajuste de contas, responsabilizações e reconhecimento dos erros e crimes cometidos, sobretudo pelo Estado.

A campanha bolsonarista teve como discurso principal a proteção à família e a intervenção de pseudo projetos que até então, na época, o candidato à presidência, Jair Bolsonaro, afirmava serem ações do Partido dos Trabalhadores (PT): o “Kit Gay” e a “mamadeira de piroca”. Era assim que Bolsonaro nomeava as campanhas educativas contra a homofobia no ambiente escolar, após recorrentes violências e mortes de homossexuais.

Desde 2011, a figura do “Kit Gay”, inexistente no projeto “Escola Sem Homofobia”, se tornou central nas falas políticas do presidente eleito, que, através dessa mentira dita tantas vezes “que se tornou verdade”, atemorizou e seduziu uma parcela da população em torno do seu projeto, provocando o que Gayle Rubin chama de um “pânico moral”^{XXVIII}.

O movimento de coligações com grupos religiosos e o discurso de repúdio e intolerância “à imoralidade sexual” dos projetos do PT, fortaleceram Bolsonaro, fazendo-o assumir a Presidência da República.

No filme “República dos assassinos”, a figura que melhor representa as abjeções da época e o modelo discursivo bolsonarista de hoje é Eloína. O discurso de Eloína, ao depor para o delegado que investiga as ações dos “homens de ouro”, traz uma narrativa carregada de ressentimento, segregação e dignidade mesmo não sendo considerada uma “cidadã de bem” e não representar a “figura máscula” estereotipada pela cultura do patriarcado para a sociedade e autoridades. No depoimento, ela destaca a proteção aos privilegiados e o descaso em relação às mortes dos que não tinham importância social, como o assassinato do seu companheiro Carlinhos. Eloína indaga se não seria melhor saber porque as pessoas morriam daquele jeito. Ainda reforça o medo que sente quando lê as notícias no jornal sobre os assassinatos, pois ninguém sabe quem será o próximo.

Olhe, o senhor me desculpe a ousadia, viu? Mas não seria melhor a gente saber porque as pessoas morrem desse jeito? Talvez o senhor não consiga imaginar o medo que a gente sente quando lê nas notícias de jornais que as pessoas morrem dessa maneira. Sabe doutor, faz parte da nossa rotina a gente imaginar que pode ser a próxima vítima, o senhor está me entendendo bem? Doutor promotor, eu não cometi crime nenhum e nada ficou provado contra mim, e depois eu não conheci o Mateus Romeiro como o senhor quer, e acima de tudo, eu nada posso fazer para devolver a vida a Carlinhos, pessoa que eu amava muito! Doutor Promotor, eu nada tenho a ver com a sua justiça, por isso eu peço que me dispense!^{XXIX}

MASCULINIDADE PERSONALISTA EM “REPÚBLICA DOS ASSASSINOS”: O PASSADO PRESENTE NA ERA BOLSONARO

LUCIANA DINIZ E HAMILCAR DANTAS JUNIOR

Em silêncio e com o semblante perplexo, o promotor ouviu todas as palavras de Eloína. Palavras carregadas de coragem, lucidez e verdade. Verdades que nenhuma figura máscula, estereotipada pela cultura do patriarcado, já havia tido coragem de falar e expor com tamanha ombridade e honestidade. A “figura escabrosa”, como ela mesma se denominou, pois assim que era vista socialmente, no passado, durante a calada da noite, era procurada pelo policial Romeiro, que satisfazia seus desejos sexuais mais animais e agressivos e, durante o dia, exercia sua falsa moralidade social, prezando pela “paz nacional” matando e torturando os menos favorecidos.

Após o depoimento de Eloína, a cena já corta para a performática travesti descendo as escadarias de cabeça erguida! Mas pensando bem, o adjetivo performática não cabe à Eloína. Performance tem a ver com algo que não é real, uma representação, e naquele momento, ela estava trazendo as suas verdades, que eram bem diferentes das verdades do Estado, representadas ali pelo promotor.

As personalidades de Mateus Romeiro e do presidente Jair Bolsonaro sim são marcadas pela masculinidade performática a todo instante, pois seus comportamentos e discursos giram em torno do falso moralismo e de situações que desmoralizam e fragilizam os que se opõem às suas ideias. Conforme atesta Márcia Tiburi,

a misoginia é o ódio performático importante na construção do personagem político bolsonarista, que foi imitado por muitos na campanha de 2018. Tanto misoginia quanto homofobia fornecem o caráter de “macho” aos seus portadores. Desde o golpe misógino contra Dilma Rousseff, a extrema direita deixa claro que para ser político no Brasil é preciso ter a aparência de macho. Bolsonaro não teria o poder que tem se não tivesse se utilizado disso^{xxx}.

Analisando bem, em que consiste neste contexto o conceito ou o julgamento de quem é “macho de verdade” ou quem é o “macho performático”? E mais, o que o comportamento de virilidade ou do sexo masculino tem a ver com o másculo opressor, reforçado na sociedade pelo patriarcado?

Considerada uma vergonha social para a sociedade, Eloína era o retrato da integridade que representava tantas outras pessoas que também viviam às margens, com receio de serem as próximas vítimas do sistema opressor e não terem um título para garantir a vida, a sobrevivência.

O falso moralismo de Mateus Romeiro e Bolsonaro se alinham, se encontram e ecoam representando o sufocamento testemunhal de Eloína por anos, e de tantas outras pessoas, que foram torturadas durante a Ditadura Militar.

A opressão do forte sobre o fraco pode durar um período, mas a memória social entra em ebulição e não tem como segurar registros significativos para tantas pessoas e familiares, a rede de contatos.

Após descer o último degrau, Eloína seguiu atravessando a avenida, de cabeça erguida, por compartilhar a sua verdade e a sua justiça. Em seu discurso, deixou claro não compactuar com a justiça dissimulada que o país já vivia há anos. A quebra do seu silêncio foi libertador. Por anos, sentiu-se paralisada! O tempo em que por vezes não compreendia tamanha atrocidade do falso moralismo de tantos “cidadãos de bem” que a procuravam e a violentavam no silêncio da noite e ao raiar do dia, vestiam suas máscaras sociais e defendiam os valores morais dos militares e da pátria de forma violenta e arbitrária.

Conclusão

MASCULINIDADE PERSONALISTA EM “REPÚBLICA DOS ASSASSINOS”: O PASSADO PRESENTE NA ERA BOLSONARO

LUCIANA DINIZ E HAMILCAR DANTAS JUNIOR

Por fim, compreendemos que Eloína representa minorias sociais oprimidas desde a colonização do nosso país. Há muitas contas a serem acertadas e esta dívida social/política se arrasta por anos. O pano de fundo da militarização da Ditadura ecoa em pleno século XXI. Mesmo com o Sistema democrático, a ideia e concepção do inimigo e da segurança nacional pairam reforçando o conceito de que as representações de movimentos sociais, negros, gays, indígenas e mulheres são bandidos. Esta anormalia militar que torturou, matou, ainda hoje, divide a nação entre os “cidadãos de bem” e “vagabundos”.

Cada vez mais, no novo governo, legitima-se a violência com discurso de ódio e a ordem se coloca pela força. Resistir, questionar tornou-se um direito tolhido, um discurso opressor e de censura que tenta intimidar os que se opõe a tamanha ignorância. Os termos militarismo, masculinidade e violência refletem bem o perfil personalista da personagem Mateus Romeiro e da personalidade de Jair Bolsonaro. A masculinidade performática desmascarada por Eloína, é incorporada o tempo inteiro pelos dois personagens, em especial a figura grotesca da masculinidade personalista de Bolsonaro e suas declarações misóginas: mandar jornalistas mulheres calarem a boca, afirmar que a jornalista queria “dar o furo”, propagar que “quem quiser vir aqui fazer sexo com uma mulher, fique à vontade” ou fazer analogias como “o Brasil é uma virgem que todo tarado de fora quer” (referindo-se à Amazônia) tornou-se lugar comum^{xxxI}.

Tais declarações não são rechaçadas pelos seus apoiadores (inclusive os neopentecostais), ao contrário são vistas como manifestações típicas do macho que condizirá com “mão firme” o país de volta ao passado idílico idealizado da época da ditadura. Esta época havia segurança (com o extermínio dos “vagabundos”) e respeito à família (com os gays retornando ao “armário” de onde jamais deveriam ter saído), Esses diversos grupos aqui expostos, solidificaram a figura de Bolsonaro e sua masculinidade performática! Torna-se fundamental referendar o quanto a violência, o discurso armamentista e a apologia ao extermínio dos, por eles denominados, “vagabundos” sempre foram publicizados. A exemplo de seu apoio, já mencionado, a grupos de extermínio na Bahia e as condecorações que seu filho, o então deputado estadual pelo Rio de Janeiro, Flávio Bolsonaro ofereceu, a mando do pai, a notórios milicianos e assassinos reforçando o caráter belicista e inconstitucional de suas pautas e declarações^{xxxII}.

Consolida-se, por conseguinte, outro paralelo entre os eventos presentes e as ações dos “Homens de ouro” no filme “República dos assassinos”. Todavia, no filme, após o assassinato de muitas pessoas, o esquema do Esquadrão da Morte, acabou expondo a fragilidade do Regime Militar, que para se defender das próprias atrocidades e encontrar um “inimigo”, iniciou um processo investigativo sobre muitas mortes que tinha como principal suspeito, o policial Mateus Romeiro. No presente, apesar das evidências e das declarações de Bolsonaro, tais crimes de milicianos continuam a acontecer no Rio de Janeiro, a ponto de controlarem mais de 70% do território do estado, conforme atesta a investigação de Bruno Paes Manso^{xxxIII}.

Ao fim e ao cabo, Mateus Romeiro e Jair Bolsonaro são figuras performáticas da masculinidade personalista que se tornou um reflexo não só do Brasil, mas global, posto que,

de Donald Trump a Narendra Modi, todas as formas de autoritarismo e populismo têm o machismo estabelecido como performance com o objetivo de capitalização política. O machismo é uma cena de poder, uma performatividade que procura estabelecer efeitos de poder. Ela é marcada pela sintomatologia histórica: a exibição, o desprezo pelo outro, o fascínio

MASCULINIDADE PERSONALISTA EM “REPÚBLICA DOS ASSASSINOS”: O PASSADO PRESENTE NA ERA BOLSONARO

LUCIANA DINIZ E HAMILCAR DANTAS JUNIOR

pela morte e, como afirma Jean-Pierre Winter, a necessidade de calar o outro. Daí o efeito hipnótico, estupefaciente uqe Bolsonaro e seus iguais alcançam com palavras chocantes e cínicas. Quem as escuta é reduzido a nada^{xxxiv}.

Apesar de tudo e das tentativas de silenciamento, as vozes continuam a se insurgir das mulheres, das comunidades indógenas, dos pretos e pretas, da comunidade LGBTQIA+ e de todos, todas e todes que se opõem a essa marcha rumo à barbárie

Notas

^I Graduada em Comunicação Social – Jornalismo. Mestranda em Cinema e Narrativas Sociais (PPGCINE/UFS).

^{II} Doutor em Educação. Professor Associado (DEF/PPGCINE/UFS).

^{III} CALGARO, F. Bolsonaro repete que não estupra deputada porque “ela não merece”. **G1**, Rio de Janeiro, 9 dez. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/12/bolsonaro-repete-que-nao-estupra-deputada-porque-ela-nao-merece.html> Acesso em: 5 ago. 2021.

^{IV} OLIVEIRA, M. Ministro do STF mantém decisão que mandou Bolsonaro indenizar Maria do Rosário em R\$ 10 mil. **G1**, Brasília, 19 fev. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/02/19/ministro-do-stf-mantem-decisao-que-mandou-bolsonaro-indenizar-maria-do-rosario.ghtml> Acesso em: 5 ago. 2021.

^V MANSO, B.P. **A República das milícias: dos esquadrões da morte à era Bolsonaro**. São Paulo: Todavia, 2020.

^{VI} AUMONT, J.; MARIE, J. **A análise do filme**. Lisboa: Texto & Grafia, 2009.

^{VII} TELES, E. A produção do inimigo e a insistência do Brasil violento e de exceção. In: GALLEGOS, E.S. (Org.). **O ódio da política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 66.

^{VIII} TELES, idem. p. 68

^{IX} TIBURI, M. **Como derrotar o turbotecnocratonazifascismo**. Rio de Janeiro: Record, 2020.

^X TIBURI, idem, p. 69.

^{XI} CATRACA Livre. Jair Bolsonaro: como ele reagiria caso tivesse um filho gay? **Catraca Livre**, São Paulo, 17 abr. 2018. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/jair-bolsonaro-como-ele-reagiria-se-tivesse-um-filho-gay/> Acesso em: 5 ago. 2021.

^{XII} HUGGINS, M.; HARITOS-FATOUROS, M.; ZIMBARDO, P. **Operários da Violência: policiais torturadores e assassinos reconstroem as atrocidades brasileiras**. Brasília: UNB, 2006.

^{XIII} HUGGINS; HARITOS-FATOUROS; ZIMBARDO, idem, p. 172.

^{XIV} TELES, 2018, op. cit. p. 68

^{XV} HUGGINS; HARITOS-FATOUROS; ZIMBARDO, op. cit., p.177.

^{XVI} HUGGINS; HARITOS-FATOUROS; ZIMBARDO, idem, p.179.

^{XVII} TELES, op. cit., p.66.

^{XVIII} CASTRO, C. Em discurso, Bolsonaro apoiou grupo de extermínio que cobrava R\$ 50 para matar jovens da periferia. **Congresso em foco**, Brasília, 13 out. 2018. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/eleicoes/bolsonaro-apoiou-grupo-de-extermínio-que-cobrava-r-50-para-matar-jovens-da-periferia/> Acesso em: 6 ago. 2021.

^{XIX} POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. p. 5.

^{XX} POLLAK, M. Memória e identidade social, **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. p. 201.

^{XXI} HUGGINS; HARITOS-FATOUROS; ZIMBARDO, op. cit., p.179.

^{XXII} MANSO, op. cit. p. 131.

^{XXIII} HUGGINS; HARITOS-FATOUROS; ZIMBARDO, op. cit., p. 226.

^{XXIV} VALIM, P, FERNANDES, F, B, M, “Quanto mais purpurina melhor”: questões de gênero e sexualidade no Brasil do governo Bolsonaro. In: AZEVEDO, J.S.G.; POCHMANN, M. (Org.). **Brasil: incertezas e submissão**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2019. p. 403.

^{XXV} Bolsonaro afirmara em discurso a seus apoiadores que iria “fazer o Brasil para as majorias. As minorias têm que se curvar às majorias. As minorias se adequam ou simplesmente desaparecem”. OLIVEIRA, M.R.G. Racismo e homotransfobia como política de morte do governo. **Revista Cult**, São

**MASCULINIDADE PERSONALISTA EM “REPÚBLICA DOS ASSASSINOS”: O PASSADO
PRESENTE NA ERA BOLSONARO**
LUCIANA DINIZ E HAMILCAR DANTAS JUNIOR

Paulo, n. 269, 5 maio 2021. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/racismo-e-homotransfobia-politica-de-morte-governo/> Acesso em: 25 out. 2021.

^{xxvi} DIP, A. **Em nome de quem?** A bancada evangélica e seu projeto de poder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

^{xxvii} DIP. Idem.

^{xxviii} VALIM; FERNANDES. Op. cit. p. 409.

^{xxix} **REPÚBLICA dos assassinos.** Idem. Tempo: 1:33:33 – 1:34:40.

^{xxx} TIBURI, op. cit. p. 70.

^{xxxi} ROSSI, M. A misoginia do governo Bolsonaro vai parar na justiça. **El País**, São Paulo, 11 ago. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-12/a-misoginia-do-governo-bolsonaro-vai-parar-na-justica.html> Acesso em: 25 out. 2021.

^{xxxii} REDAÇÃO. Bolsonaro diz que mandou filho condecorar miliciano morto. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 fev. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/bolsonaro-diz-que-mandou-filho-condecorar-miliciano-morto-24251455> Acesso em: 25 out. 2021.

^{xxxiii} MANSO, op. cit.

^{xxxiv} TIBURI, op. cit. p. 67.

Referências:

BARROS, J. D. **O campo da história:** especialidades e abordagens. Petrópolis: Vozes, 2004.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre a literatura e a história da cultura. 3. ed. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1987.

BURKE, P. **Variedades de história cultural.** São Paulo: Civilização Brasileira, 2000.

CALGARO, F. Bolsonaro repete que não estupra deputada porque “ela não merece”. **G1**, Rio de Janeiro, 9 dez. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/12/bolsonaro-repete-que-nao-estupra-deputada-porque-ela-nao-merece.html> Acesso em: 5 ago. 2021.

CASTRO, C. Em discurso, Bolsonaro apoiou grupo de extermínio que cobrava R\$ 50 para matar jovens da periferia. **Congresso em foco**, Brasília, 13 out. 2018. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/eleicoes/bolsonaro-apoiou-grupo-de-extermínio-que-cobrava-r-50-para-matar-jovens-da-periferia/> Acesso em: 6 ago. 2021.

CATRACA Livre. Jair Bolsonaro: como ele reagiria caso tivesse um filho gay? **Catraca Livre**, São Paulo, 17 abr. 2018. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/jair-bolsonaro-como-ele-reagiria-se-tivesse-um-filho-gay/> Acesso em: 5 ago. 2021.

DIP, A. **Em nome de quem?** A bancada evangélica e seu projeto de poder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

HUGGINS, M.; HARITOS-FATOUROS, M.; ZIMBARDO, P. **Operários da Violência:** policiais torturadores e assassinos reconstroem as atrocidades brasileiras. Brasília: UNB, 2006.

LE GOFF, J. **História e memória.** Campinas: UNICAMP, 1990.

MANSO, B.P. **A República das milícias:** dos esquadrões da morte à era Bolsonaro. São Paulo: Todavia, 2020.

OLIVEIRA, M. Ministro do STF mantém decisão que mandou Bolsonaro indenizar Maria do Rosário em R\$ 10 mil. **G1**, Brasília, 19 fev. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/02/19/ministro-do-stf-mantem-decisao-que-mandou-bolsonaro-indenizar-maria-do-rosario.ghtml> Acesso em: 5 ago. 2021.

**MASCULINIDADE PERSONALISTA EM “REPÚBLICA DOS ASSASSINOS”: O PASSADO
PRESENTE NA ERA BOLSONARO**
LUCIANA DINIZ E HAMILCAR DANTAS JUNIOR

- OLIVEIRA, M.R.G. Racismo e homotransfobia como política de morte do governo. **Revista Cult**, São Paulo, n. 269, 5 maio 2021. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/racismo-e-homotransfobia-politica-de-morte-governo/> Acesso em: 25 out. 2021.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- _____. Memória e identidade social, **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- REDAÇÃO. Bolsonaro diz que mandou filho condecorar miliciano morto. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 fev. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/bolsonaro-diz-que-mandou-filho-condecorar-miliciano-morto-24251455> Acesso em: 25 out. 2021.
- REPÚBLICA dos assassinos**. Direção: Miguel Faria Júnior. Produção: Aguinaldo Silva. Rio de Janeiro: RIMA Filmes do Brasil, 1979.
- ROSSI, M. A misoginia do governo Bolsonaro vai parar na justiça. **El País**, São Paulo, 11 ago. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-12/a-misoginia-do-governo-bolsonaro-vai-parar-na-justica.html> Acesso em: 25 out. 2021.
- TELES, E. A produção do inimigo e a insistência do Brasil violento e de exceção. In: GALLEGOS, E.S. (Org.). **O ódio da política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 65-72.
- TIBURI, M. **Como derrotar o turbotecnocratonazifascismo**. Rio de Janeiro: Record, 2020.
- VALIM, P, FERNANDES, F, B, M, “Quanto mais purpurina melhor”: questões de gênero e sexualidade no Brasil do governo Bolsonaro. In: AZEVEDO, J.S.G.; POCHMANN, M. (Org.). **Brasil: incertezas e submissão**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2019. p. 401-420.